



Roça é vida

Autores

**VIVIANE MARINHO LUIZ
LAUDESSANDRO MARINHO DA SILVA
MÁRCIA CRISTINA AMÉRICO
LUIZ MARCOS DE FRANÇA DIAS**

Ilustradores

**AMANDA NAINÁ DOS SANTOS (NAINÁ)
VANDERLEI RIBEIRO (DECO)**

Roça é Vida

Organizadores

VIVIANE MARINHO LUIZ
LAUDESSANDRO MARINHO DA SILVA
MÁRCIA CRISTINA AMÉRICO
LUIZ MARCOS DE FRANÇA DIAS

Ilustradores

AMANDA NAINÁ DOS SANTOS (NAINÁ)
VANDERLEI RIBEIRO (DECO)

São Paulo

IPHAN – Grupo de Trabalho da Roça
2020





O livro intitulado *Roça é Vida* é um livro **comum**, comum não no sentido de banal, mas como consta o vocábulo **comum** no dicionário Houaiss – com o sentido de **o ser coletivo, de mais de um**, neste caso mais de um e mais de uma.

O livro foi escrito e ilustrado por quilombolas, aquilombadas, profissionais das ciências humanas e exatas, engajados com o movimento social quilombola e educadores sociais.

O nome do livro é simples, *Roça é Vida*, e o próprio nome simples é comum, pois foi pensado no coletivo. Simples não é o mesmo que simplista, e o trabalho da roça coivara em sua complexidade revela como girar a gama de conhecimentos explicitados no SATQ.

Os conhecimentos quilombola revelam uma visão de mundo voltada para o social e em consonância com a garantia de direitos tanto para seu grupo social como para a própria natureza que dele faz parte, por isso sua preocupação em trabalhar respeitando a natureza respeitando-a

como um Ente tratando a terra como uma mãe em seu sentido ancestral e com direito a existir porque nos antecedeu.

Queremos com este livro ressaltar nosso compromisso com gentes comum, essas gentes que vivem o coletivo e realizam seu trabalho de forma coletiva.

O livro é uma proposição do GT ROÇA ao grupo de educadores e educadoras da temática da educação escolar quilombola.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) reconheceu o Sistema Agrícola Tradicional dos Quilombos do Vale do Ribeira como patrimônio imaterial brasileiro em setembro de 2018. Trata-se de uma declaração pública de que esse Sistema é parte importante das manifestações que compõem o incrível mosaico da cultura brasileira.

Há quem acredite que o reconhecimento de um bem cultural como patrimônio imaterial brasileiro – o Registro, como é chamado – seja o fim de uma luta em prol da preservação daquelas manifestações culturais que são importantes e representativas para o país. Na verdade, o Registro é apenas o primeiro ato dessa luta. São as ações posteriores ao reconhecimento que determinarão as condições para a existência e a continuidade desse patrimônio.

O Registro de um bem cultural como patrimônio cultural brasileiro coloca em evidência para toda a sociedade os valores e a importância que ele já possui



para os seus detentores, aquelas pessoas que produzem, reproduzem e vivenciam esse bem. A partir do reconhecimento, espera-se que o Estado passe a investir na salvaguarda do bem, ou seja, que atue no sentido de assegurar que ele estará disponível para as futuras gerações, dentro e fora dos grupos detentores.

Quando se trata do patrimônio imaterial, é importante ter em mente que os principais agentes da salvaguarda são os próprios detentores. Afinal, ninguém é capaz de manter viva uma cultura como as pessoas que a manifestam e a praticam no seu dia a dia. O IPHAN se coloca apenas como um parceiro nesse processo, somando forças com os detentores e outros parceiros para que a salvaguarda seja eficiente e suas ações cheguem mais longe.

Portanto, ao apoiar a produção deste livro, o IPHAN entende que está contribuindo com uma parcela das mais importantes no processo de salvaguarda: a transmissão dos saberes relacionados ao Sistema Agrícola Tradicional. Sabemos que o método tradicional para se passar adiante esses conhecimentos é essencialmente oral e informal, na conversa de mães e pais com seus filhos e filhas. Mas a nossa intenção não é usar o texto escrito para substituir essa prática, e sim somar com ela. Acreditamos que, tal como a casa e todos os outros espaços de sociabilidade, a escola também seja um lugar para se falar sobre a roça e pensar a vida no quilombo.

Este livro, elaborado e ilustrado por quilombolas, aquilombados, profissionais das Ciências Humanas e Exatas, pessoas engajadas com o movimento social quilombola e educadores sociais, é uma demonstração de como a união de diferentes atores faz a diferença no processo de salvaguarda. O IPHAN coloca-se entre esses colaboradores, dando a sua contribuição para este belo trabalho e esperando que possamos continuar juntos, pois o caminho é longo. Mas dessa forma o tornamos menos árduo!

RECONHECIDO PELO IPHAN COMO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO, A ROÇA DE COIVARA

LEONILA PRISCILA DA COSTA PONTES

Quilombo Abobral Margem Esquerda, Eldorado-SP

Pelo IPHAN reconhecido
alegres vamos festejar
a roça de coivara quilombola
não podemos descansar.

Não ficar adormecido
a voz de Zumbi diz
que não podemos parar
muitas vezes amedrontado e esquecido
mas não se pode desanimar.

Com fé, força e ardor,
com muita união,
por isso é que eu digo:
lutar sempre em mutirão.

Quilombola sempre foi soldado
que cedo ao trabalho sai
cuida pelo seu roçado
não pode descuidar
tudo tem tempo marcado
na hora de plantar.

Se não fossem esses abnegados
o povo da cidade não iria se alimentar
se ele planta atrasado
a vaca vai pro brejo
porque arroz e feijão
ainda não vi fabricar.

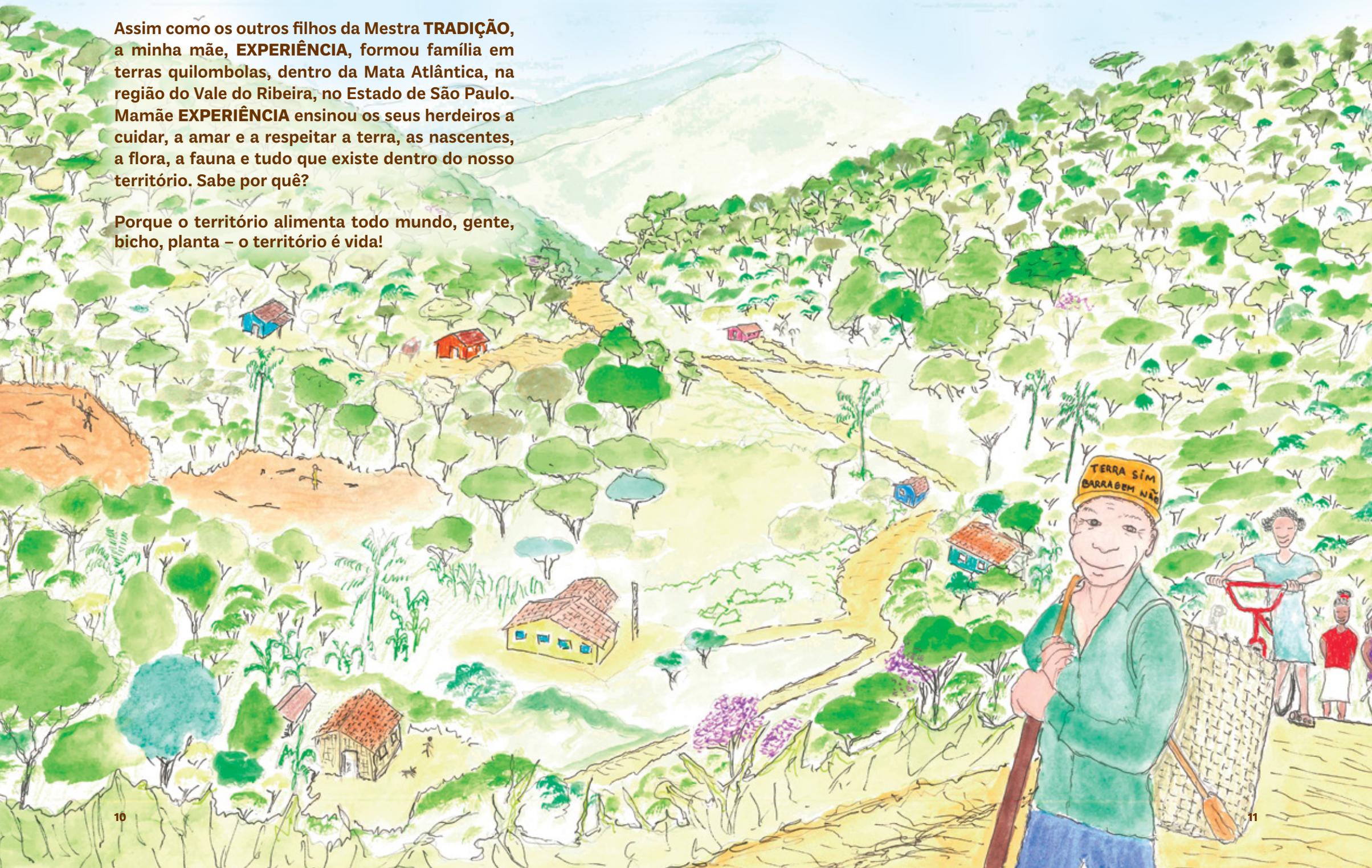
Olha firme o infinito
acredita no Deus pai
pede a ele proteção
que nunca falte o pão
em cada mesa de um lar
para que cada família
possa a fome saciar.

Eu sou a **FARTURA**. Sou filha da **experiência** e minha avó é a **Mestra TRADIÇÃO**. Muitos dos filhos e filhas de minha avó foram trazidos de diversos países da África e formaram quilombos no Brasil. Todos nós, quilombolas, somos detentores de um bem, o rico conhecimento ancestral, herdado da Tradição.



Assim como os outros filhos da Mestra **TRADIÇÃO**, a minha mãe, **EXPERIÊNCIA**, formou família em terras quilombolas, dentro da Mata Atlântica, na região do Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo. Mamãe **EXPERIÊNCIA** ensinou os seus herdeiros a cuidar, a amar e a respeitar a terra, as nascentes, a flora, a fauna e tudo que existe dentro do nosso território. Sabe por quê?

Porque o território alimenta todo mundo, gente, bicho, planta – o território é vida!





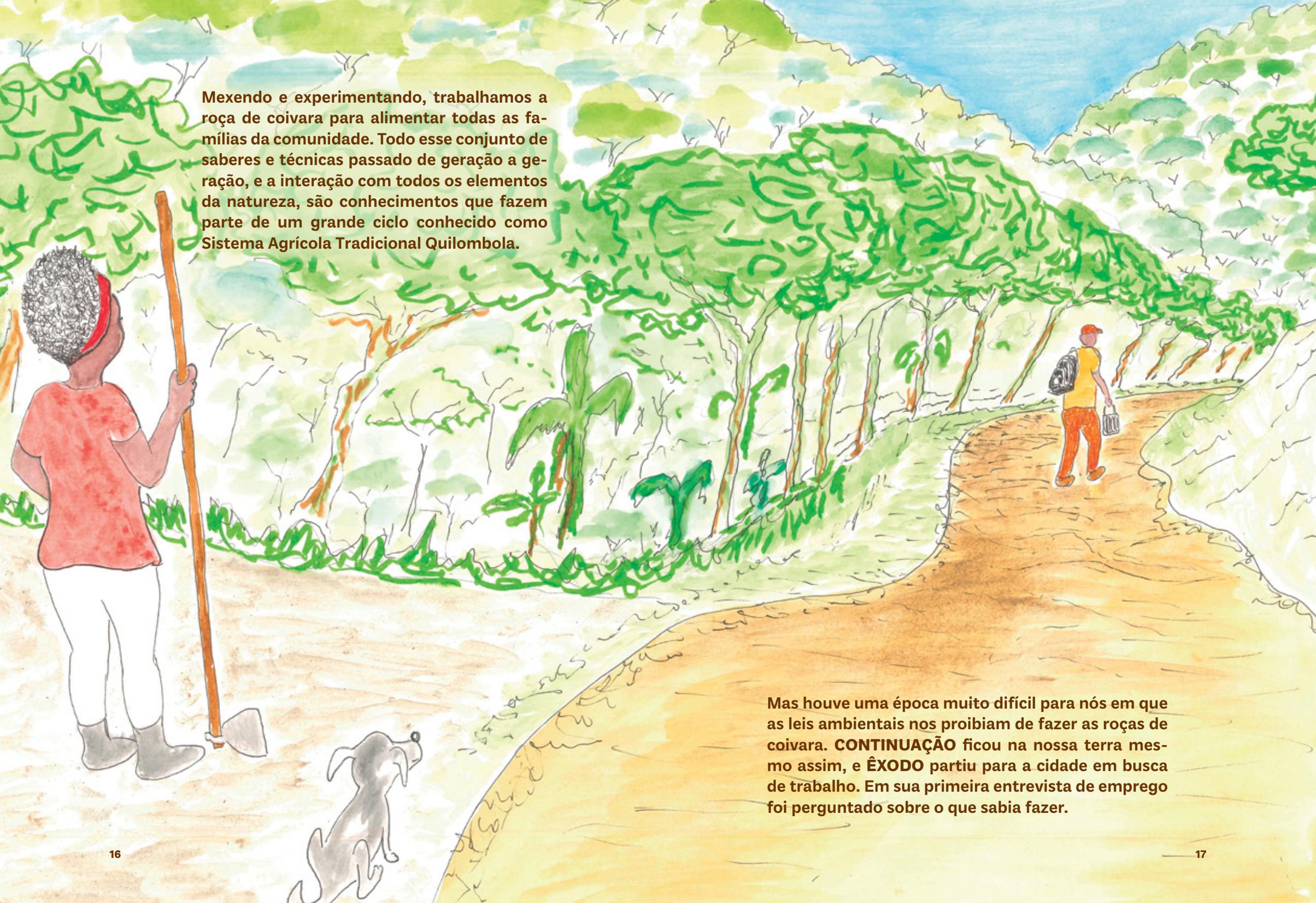
A minha mãe, **EXPERIÊNCIA** ensinou toda a sua geração a observar a natureza. Desde criança, eu e meus irmãos fomos aprendendo a cuidar da floresta, a observar o sol, a chuva, as estrelas, as mudanças da lua, os animais, os pássaros, o rio e as áreas de cultivo.

Com nossa mãe aprendemos que a floresta é a nossa escola. Aprendemos os nomes das árvores, dos bichos, das plantas, dos frutos; quais as plantas que podemos comer, as ervas utilizadas para remédio, a fase da lua para pescar, plantar e colher. Também aprendemos a fazer cestos de cipó e taquara, esteira de taboa e pilão de madeira.



Nós das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira aprendemos com os nossos mais velhos a mexer com a terra desde que nascemos. Meu filho **ÊXODO** e minha filha **CONTINUAÇÃO** nasceram aqui na roça, nas mãos da avó **EXPERIÊNCIA**, parteira estimada das comunidades. Desde pequeninos, os ensinei a mexer com a terra, assim como compadre **TERRITÓRIO** e comadre **LUTA** também ensinaram a sua filha **RESISTÊNCIA**. Aqui eles aprenderam a trabalhar na terra e dela adquiriram muitos conhecimentos.





Mexendo e experimentando, trabalhamos a roça de coivara para alimentar todas as famílias da comunidade. Todo esse conjunto de saberes e técnicas passado de geração a geração, e a interação com todos os elementos da natureza, são conhecimentos que fazem parte de um grande ciclo conhecido como Sistema Agrícola Tradicional Quilombola.

Mas houve uma época muito difícil para nós em que as leis ambientais nos proibiam de fazer as roças de coivara. **CONTINUAÇÃO** ficou na nossa terra mesmo assim, e **ÊXODO** partiu para a cidade em busca de trabalho. Em sua primeira entrevista de emprego foi perguntado sobre o que sabia fazer.



Então, ele abriu a boca entusiasmado e começou a explicar o que sabia:

— Eu sei fazer roça, roça de coivara!

Boquiaberto e surpreso, o entrevistador continuou:

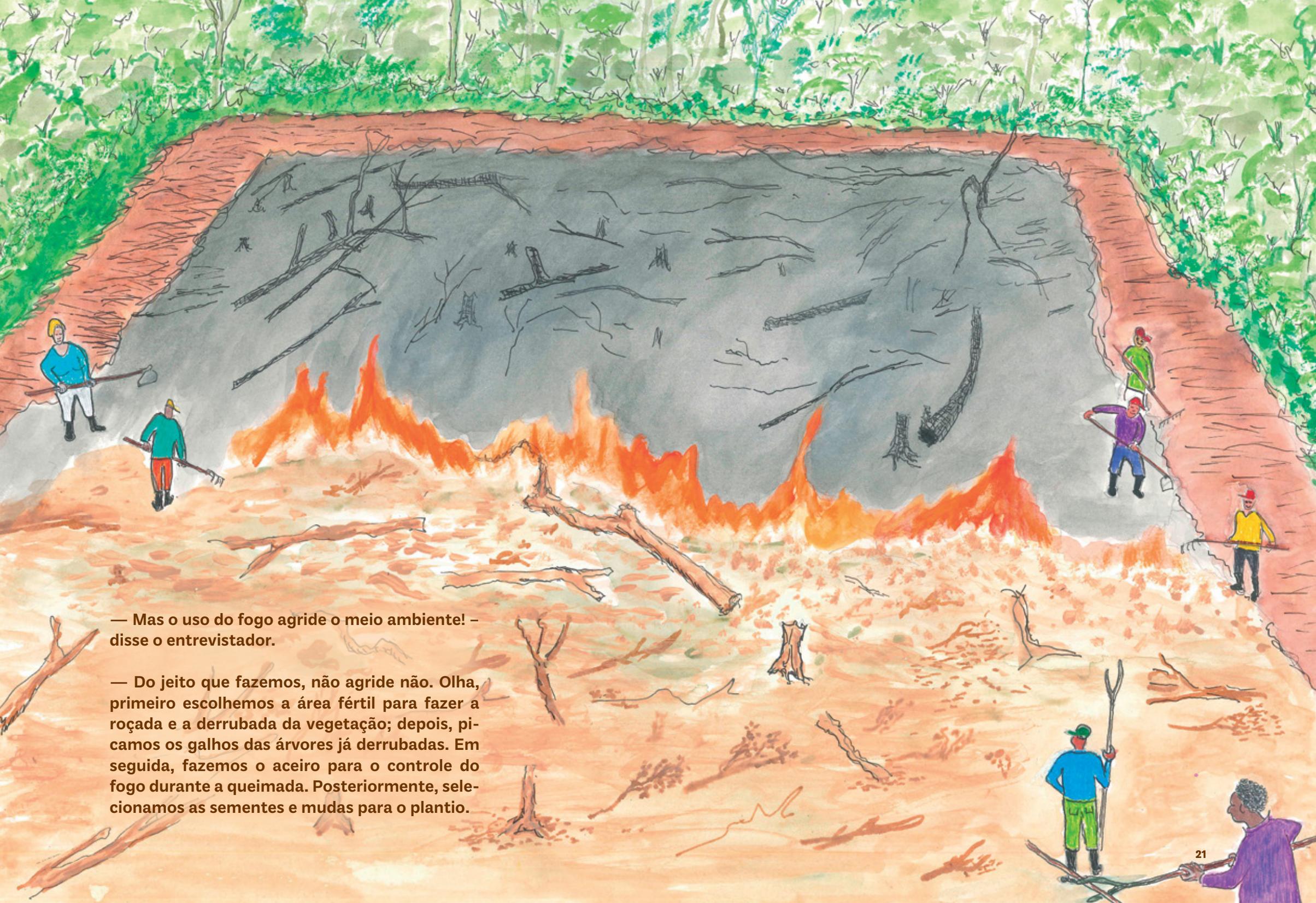
— O quê?

— Ora homê! A roça de coivara é a base do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola.

— O que é isso? Como é?

— Vou explicar! A roça de coivara é uma técnica de manejo tradicional em que usamos o fogo para o melhor aproveitamento do solo na plantação de todos os nossos alimentos.





— Mas o uso do fogo agride o meio ambiente! – disse o entrevistador.

— Do jeito que fazemos, não agride não. Olha, primeiro escolhemos a área fértil para fazer a roçada e a derrubada da vegetação; depois, picamos os galhos das árvores já derrubadas. Em seguida, fazemos o aceiro para o controle do fogo durante a queimada. Posteriormente, selecionamos as sementes e mudas para o plantio.

— E depois? – perguntou o entrevistador, interessado na explicação.

— A gente cuida das plantas até a colheita em seguida cultivamos outras espécies de alimentos. Desse modo evitamos a abertura de novas áreas e aproveitamos o máximo dos nutrientes do solo. Depois disso a área fica em pousio para que a vegetação possa se regenerar. E nós iremos cultivar outra área para novos plantios. Vamos fazendo um rodízio das áreas.



— Pousio?

— Sim, nós quilombolas temos a prática de trabalhar a terra, manejá-la, cultivá-la, mas também deixamos a terra descansar, porque assim como as pessoas, a terra é viva e precisa de um tempo de descanso. É isso que nós chamamos de pousio.



— Funcionários não há, muito menos pagamento em dinheiro! Trabalhamos no quilombo na relação de compadrio, um ajudando o outro, em forma de coletividade. Fazemos o puxirão, a reunida, a troca de dia, o ajitório, a poiuva ou a “de-mão”. De onde eu venho, plantamos arroz, feijão, milho, inhame, cará, rama de mandioca, maracujá, limão, banana maçã branca, muitas hortaliças e mais de duzentos e quarenta variedades que servem de alimentos e remédios. Tudo sem veneno. Nós plantamos saúde!

O entrevistador ficou tão surpreendido com os conhecimentos de **ÊXODO** que insistiu em saber mais.

— Mas me conta uma coisa, como é que vocês pagam os serviços para os funcionários?

Aquela entrevista não foi a primeira, nem a última. Meu filho ÊXODO insistiu na cidade, sem contar que ele tinha gosto em compartilhar os conhecimentos que trazia do seu lugar e do seu povo. No entanto, mesmo com tantos saberes, ÊXODO não conseguiu trabalho na cidade e resolveu voltar para casa...



Naqueles dias, **CONTINUAÇÃO** resolveu saber o que estava acontecendo com a avó, ela parecia andar um tanto preocupada. Resolveu assuntar com a Mestra **EXPERIÊNCIA**:

— Vó, por que a senhora anda tão borocoxô?

— Ora homê! Ando preocupada com os mais novos, ué! Com o futuro dos nossos territórios, das nossas roças, do nosso Sistema Agrícola Tradicional Quilombola...

ÊXODO parecia não compreender:

— Como assim, vovó?

— Ora nhô! A **CONTINUAÇÃO** já não falou pra você o que está acontecendo? A luta pela terra continua até hoje, meu fio! Além disso, criaram leis pensando em proteger a floresta, mas sem pensar que nós sempre vivemos aqui protegendo a natureza. As leis proíbem a gente de fazer as roças do nosso modo, dentro do nosso costume. Plantar com nosso sistema virou crime. A vida ficou difícil demais por aqui, vários do nosso povo foram morar na cidade.

— É, vó, eu fui embora por causa dessa situação... – respondeu o neto ÊXODO, meio cabisbaixo.

— Isso mesmo, meu fio! Você sabe do que eu tô falando. – completou a avó.

CONTINUAÇÃO e **ÊXODO** entenderam bem a situação. Aquele tempo precisava de uma mudança. “Afinal de contas, a gente sabe cuidar da floresta e sempre soube, alguém precisa ver isso e mudar a lei”.

Eu segui a prosa tentando acalmar minha mãe, Mestre **EXPERIÊNCIA**, avó dos meus filhos:

— Algumas instituições parceiras estão nos apoiando. Aqui na nossa comunidade, a **RESISTÊNCIA** está à frente dessas discussões com os órgãos ambientais para que as licenças das roças sejam liberadas no tempo certo para plantar. Eles não sabem o tempo certo. Eles não têm esse conhecimento do nosso modo de fazer a roça, por isso, quando as autorizações chegam, já passou do tempo de fazer o plantio e assim vamos perdendo as nossas sementes crioulas.

— Vejam só a que ponto chegamos, meu fio! Temos que pedir autorização para plantar nosso alimento! – completou a avó.

— E ainda tem a questão das barragens, né, vó! Ainda lutando... Mesmo vencendo uma etapa, que foi Tijuco Alto; surgiram outros interesses como as pequenas centrais hidrelétricas e os projetos de empresas que querem extrair minérios dos nossos territórios! Tem gente grande de olho nas nossas terras! Eles não entendem que o rio tem direito de correr livre, os pássaros têm direito de voar, as árvores têm direito de crescer e sobreviver, a terra tem direito... A natureza tem direitos. Ela faz parte da nossa vida, ela nos dá a vida! Temos que continuar garantindo que ela tenha direito. – disse **CONTINUAÇÃO** com a voz cheia de coragem.

— É, eu estou muito velha. Muitos tombaram fisicamente na luta. Alimentaram a terra com o próprio sangue para garantir nossos direitos. Se juntaram aos nossos ancestrais e a luta tem que ser fortalecida.



Alguns dias se passaram, **CONTINUAÇÃO** foi dar uma notícia para seu irmão **ÊXODO**:

— Meu irmão, olha só que feliz notícia! No mês que vem, **RESISTÊNCIA** e eu faremos um puxirão de colheita de arroz do modo antigo! À noite celebraremos a colheita com um baile. Que tal? Mas tem outro motivo de festa, a gente

vai comemorar o reconhecimento do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Foi o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que trouxe essa boa nova para nós. Agora com você junto, é mais alegria e mais um para nos ajudar!

— Que legal! Fechado! Contem comigo! — Comemorou o irmão.

Uma semana antes, começaram os preparativos. Fizeram farinha de mandioca e limparam a picada até a capova, onde foi feita a roça.

Na sexta-feira socaram arroz, arrancaram cará angola, debulharam o feijão pardinho, prepararam a carne de porco, cortaram a cana para moer no escaçador para fazer o café, fizeram cuzcuz, biju, paçoca, pamonha, tabaqui e muitas outras comidas gostosas.



No grande dia, sábado bem cedinho, as pessoas começaram a chegar de várias comunidades. Antes de subir o morro, fizeram as rezas. Como dizia minha avó **TRADIÇÃO**, ninguém vai para a roça sem rezar... ninguém vai trabalhar sem pedir bênção e proteção.

Assim como nos puxirões de antigamente, **RESISTÊNCIA** e **CONTINUAÇÃO** convidaram todos seus familiares e conhecidos das comunidades vizinhas, que colheram toda a roça no mesmo dia. Tava bonito de ver – homens, mulheres, crianças e mais velhos conversando e contando causos enquanto a roça ia sendo colhida. Os cestos de cipó aos poucos iam enchendo de cachos de arroz taporana para serem levados até o paiol, ali mesmo, na roça.



Vou falar para você um segredo: eu já participei de muitos puxirões, mas aquele foi muito bom. O povo estava alegre em celebrar. O baile se estendeu madrugada adentro na casa de pau a pique de Comadre LUTA e Compadre TERRITÓRIO. Foi bem ali que ÊXODO olhou para RESISTÊNCIA de uma forma diferente... Naquela noite dançaram fandango, cobrinha, nhá-maruca, cana-verde, mão-esquerda e forró ao som da rabeça, violão, viola, pandeiro, sanfona e triângulo, sob a luz de vários fifós de bambu e quero-sene. A alegria do povo era imensa. A alegria de ÊXODO e RESISTÊNCIA dava gosto na gente...

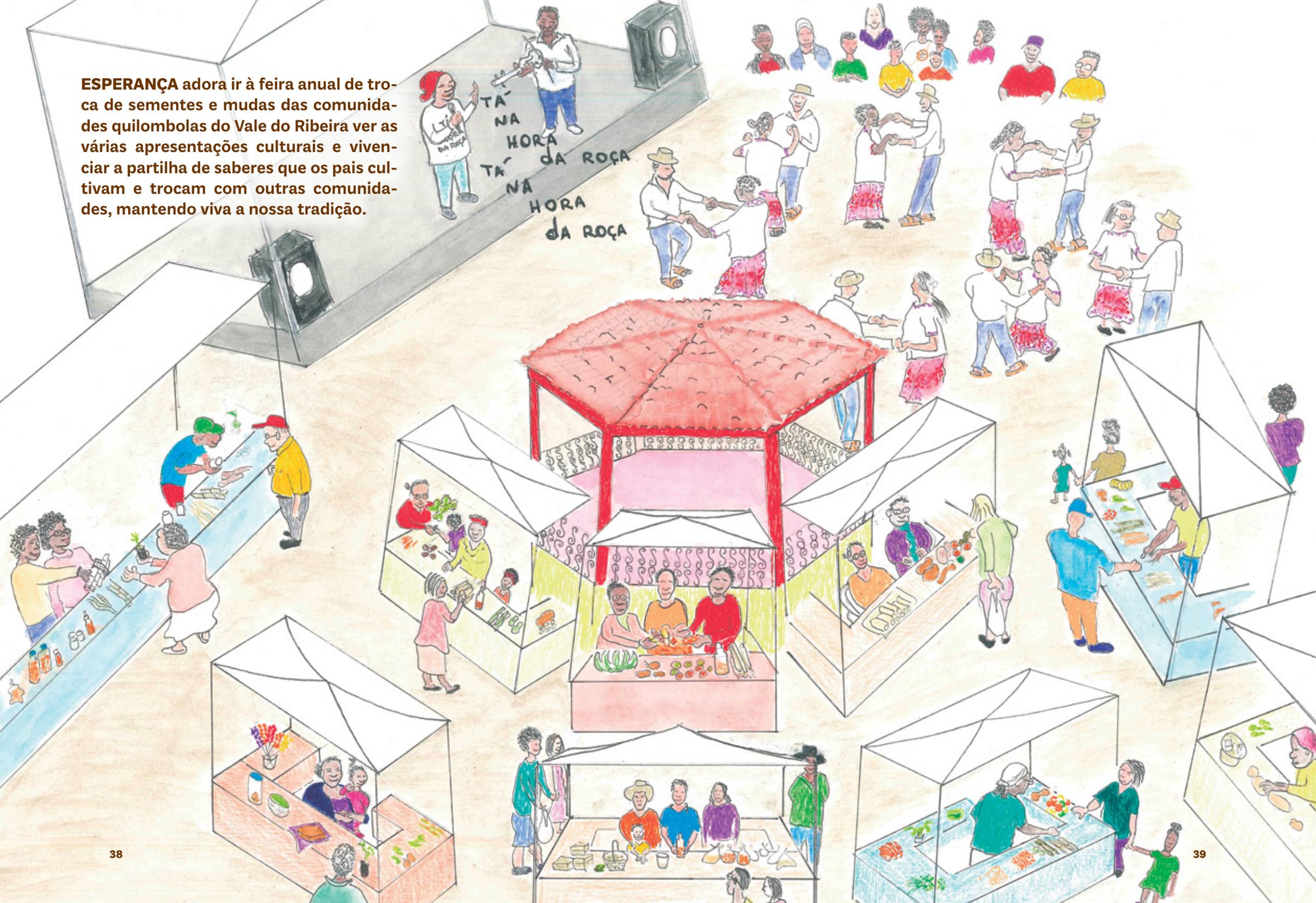




Tempos depois **RESISTÊNCIA** e **ÊXODO** se casaram. Ele agora fixado na terra.

Os dois juntos geraram **ESPERANÇA**, minha netinha, e ela é quem nos faz seguir resistindo. A arteira adora tomar banho no rio, subir nas árvores e brincar na chuva. Gosta também de participar da corrida da bandeira do Divino Espírito Santo nas casas, da Folia de Reis e da romaria de São Gonçalo.

ESPERANÇA adora ir à feira anual de troca de sementes e mudas das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira ver as várias apresentações culturais e vivenciar a partilha de saberes que os pais cultivam e trocam com outras comunidades, mantendo viva a nossa tradição.





Minha netinha **ESPERANÇA** nem tinha nascido e a gente parece que já andava com ela, lutando e resistindo no território, continuando a tradição e acreditando na união do nosso povo pela fartura de sabedorias...



AMANDA NAINÁ SANTOS

Arquiteta, urbanista, musicista e artesã. Tem pesquisa na arquitetura de terra e desde 2008 se dedica ao desenho artístico com técnica de aquarela e grafite. Os encontros com pessoas e vários coletivos de juventude negra inspiram sua arte com criticidade no que tange aos conflitos étnico-raciais no Brasil.



VANDERLEI RIBEIRO (DECO)

Artista Plástico que nos anos 1990 juntamente com outras(os) artistas participou do Movimento de artes plásticas/poesia/música “Dissipação Visual”, em Miracatu, que buscava pensar/refletir/expressar o Vale do Ribeira em suas artes. Professor de História na Rede Pública Estadual de Educação, lecionando na cidade de Registro, possui vários livros de produção artesanal e independente de/sobre arte, de poesias e de metodologia de pesquisa.

FICHA TÉCNICA

Autores e Organizadores

Viviane Marinho Luiz
Laudessandro Marinho da Silva
Márcia Cristina Américo
Luiz Marcos de França Dias

Ilustrações

Amanda Nainá dos Santos (Nainá)
Vanderlei Ribeiro (Deco)

Projeto gráfico e diagramação

Estúdio Voador

Realização

GT da ROÇA (Grupo da Roça) composto por representantes de dezenove associações quilombolas que tiveram seu Sistema Agrícola Tradicional reconhecido como patrimônio cultural brasileiro em 2018, além de organizações parceiras. O GT é o responsável pela organização da Feira de Troca de Sementes e Mudanças das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira.

Colaboradores

Antônio Morato
Aurico de França Dias
Cacilda da Silva Marinho
Daniela Joana de França
Elizete de França Dias
Elson Alves da Silva
Elvira Morato
Heloisa de França Dias
Joelma Ursulino da Motta Dias
Judith Dias
Raquel Pasinato
Regiane Lillian de França
Rodrigo Rodrigues Marinho da Silva
Valni de França Dias
Vanessa de França
Vaniely dos Anjos França Dias

Agradecimentos

A Penélope Martins, Carina G. Jacob Rodrigues e Sindy de Siqueira Lima pela leitura amorosa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do IPHAN São Paulo

R669

Roça é vida / Organizadores: Viviane Marinho Luiz ... [et al.] ;
ilustradores: Amanda Nainá dos Santos, Vanderlei Ribeiro. – São Paulo :
IPHAN, 2020.

44 p. : il. ; 23 cm

ISBN: 978-85-7334-382-3

1. Patrimônio cultural – Proteção – Brasil. 2. Sistemas agrícolas –
Ribeira de Iguape, Rio, Vale (PR e SP). 3. Quilombolas. 4. Literatura
infanto-juvenil. I. Luiz, Viviane Marinho. II. Silva, Laudessandro Marinho
da. III. Américo, Márcia Cristina. IV. Dias, Luiz Marcos de França. V.
Santos, Amanda Nainá dos. VI. Ribeiro, Vanderlei. VII. Grupo de trabalho
da roça. VIII. Título.

CDD 808.068

Elaborado por Karen Ambrósio de Arruda Aniz – CRB-8/9915



Apoio:

Realização **GRUPO DE TRABALHO DA ROÇA** e parceiros:



União Europeia



MINISTÉRIO DO
TURISMO



Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade do Grupo de Trabalho da Roça e não reflete necessariamente a posição da União Europeia.